

O dicionário e as práticas pedagógicas

The dictionary and pedagogical practices

Flávia de Oliveira Maia Pires*

Michelle de Oliveira Machado Vilarinho**

RESUMO: Esta pesquisa apresenta o dicionário como recurso indispensável aos professores de língua, a fim de que sejam exploradas as possibilidades de uso. Para coleta de dados, entrevistas foram feitas com estudantes de Letras da Universidade de Brasília, a fim de identificar o conhecimento que eles possuíam sobre os dicionários e o modo como usariam os repertórios lexicográficos, como consulentes ou professores de línguas. Os resultados relevaram que os estudantes ainda desconhecem o modo como o dicionário pode ser empregado em sala de aula.

ABSTRACT: This paper presents the dictionary as indispensable resource for language teachers to explore the possibilities of use. For data collection, interviews were conducted with students of Letters of the University of Brasilia, who helped identify the knowledge they had about dictionaries and how they would use lexicographic materials, such as consultants or language teachers. The results showed that students still do not know how the dictionary can be used in the classroom.

PALAVRAS-CHAVE: Dicionário. Lexicografia. Ensino de língua.

KEYWORDS: Dictionary. Lexicography. Language teaching.

1. Introdução

Ao longo de seu desenvolvimento, o ser humano adquire informações culturais, históricas e sociais em um processo contínuo. Constrói conceitos e, assim, interage no meio, de modo que organiza uma rede de relação de significados que podem ser expressadas por meio de palavras. Isso faz com que o léxico seja visto como elemento relevante nesse processo, como verificamos na afirmação de Vygotsky (1993, p. 104), quando menciona que “o significado de uma palavra representa um amálgama tão estreito do pensamento e da linguagem que fica difícil dizer se é um fenômeno da fala ou um fenômeno do pensamento”. Nesse contexto, o ensino de línguas busca estratégias e meios que favoreçam a aprendizagem do léxico. Observa-se

* Docente do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP) da Universidade de Brasília (UnB) e atual coordenadora do Curso de Letras - Português do Brasil como Segunda Língua. É pesquisadora do Centro de Estudo Lexicais e Terminológicos (Centro LexTerm), trabalha na linha de pesquisa Linguagem: Teoria e Descrição, Léxico e Terminologia.

**Docente do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas (LIP) da Universidade de Brasília (UnB); atua no Programa de Pós-Graduação em Linguística, na linha de pesquisa Léxico e Terminologia.

empenho de professores em oferecer aos estudantes conhecimentos sobre as palavras, pois “o léxico, saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural” (OLIVEIRA e ISQUERDO, 2001, p. 9). Em vista dessas propriedades culturais do léxico e da exigência do conhecimento lexical no processo de ensino e aprendizagem de línguas, há a necessidade de materiais pedagógicos que demonstrem a riqueza das línguas na descrição do mundo. Além disso, encontram-se estudos que afirmam que “o ensino do léxico, assim como, do uso de dicionário, suscita interesse na medida em que as palavras são pilares da interação linguística” (GOMES, 2011, p.142).

Nas escolas, as gramáticas e os dicionários fazem parte do conjunto de livros didáticos envolvidos no processo de ensino e de aprendizagem de língua. Borba (2003, p. 301) destaca que “a gramática e o dicionário são instrumentos pedagógicos de primeira linha; têm pontos em comum, mas não se superpõem”, ambos são complementares. A gramática descreve a língua, estabelecendo critérios para “agrupamentos das palavras em classes a partir de traços em comum” (Id., Ibid., p. 302). O dicionário, por sua vez, apresenta o modo de uso da palavra, “mostra a aplicação da regra palavra por palavra” (Id., Ibid., 2003, p. 302). Entretanto, o dicionário, diferente das gramáticas, é pouco explorado nas salas de aula, mesmo oferecendo qualidade e quantidade de informações que favorecem o ensino e a aprendizagem de línguas, uma vez que os dicionários não lista só “palavras”, mas fornece diferentes tipos de informações linguísticas combinadas, como as fonológicas, as ortográficas, as morfológicas, as sintáticas, as semânticas, assim como estruturas discursivas argumentativas, em decorrência da história social, cultural e políticas dos povos.

O Ministério da Educação legitima o uso do dicionário em sala de aula, como está expresso no livro *Com direito à palavra: dicionários em sala de aula*:

um dicionário pode ser um instrumento bastante valioso para a aquisição de vocabulário e para o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita; e isso, para todas as áreas e para todas as horas, já que ler e escrever, dentro e fora da escola, fazem parte de muitas outras atividades (BRASIL, MEC/SEF, 2012, p. 18).

Porém, mesmo havendo a legitimidade institucional do uso de dicionários em sala de aula e o reconhecimento da importância do ensino do léxico, há falta de conhecimento por parte de professores e de estudantes sobre o conteúdo do dicionário e o modo de como manejá-lo. A falta desse conhecimento não contribui para que atividades com dicionários sejam

desenvolvidas durante o processo de ensino e de aprendizagem nas escolas, como comprovado pelos dados apresentados neste trabalho.

2. Conhecimento lexicográfico na formação dos futuros professores de Letras

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs – registram que “o manejo do dicionário precisa ser orientado, pois requer a aprendizagem de procedimentos bastante complexos” (PCN, 1997, p. 58) ainda se identifica dificuldades de aplicação dos conteúdos disponíveis nessas obras por parte de professores e de estudantes de línguas. Provavelmente, a dificuldade de inclusão do dicionário no processo de ensino e de aprendizagem de línguas ocorra por “as pessoas em geral entenderem o dicionário como algo muito simples, uma listagem de palavras, uma espécie de catálogo que dispensa, inclusive, um olhar crítico sobre a qualidade da obra” (KRIEGER & RANGEL, 2011, p. 139). Realidade confirmada por meio de dados coletados em levantamento feito por licenciandos da disciplina Lexicografia: estratégias de uso de dicionário do curso de Letras Português do Brasil como Segunda Língua (PBSL). Esses alunos entrevistaram estudantes de Letras com a finalidade de identificar o conhecimento que os demais possuíam sobre os dicionários e o modo como usariam os repertórios lexicográficos, como consulentes ou como professores de línguas.

Para coleta de dados, foram entrevistados 29 licenciandos em Letras da Universidade de Brasília que estavam entre o 5º e 10º semestres de seus Cursos. Dentre essas entrevistas, há discentes do Curso Letras Português e respectivas Literaturas, do Curso de Letras Inglês e Respectivas Literaturas e do Curso de Letras português do Brasil como segunda língua –PBSL. A maioria dos entrevistados atuava na área de ensino como estagiário ou professor de língua. Todos os entrevistados declararam que possuíam dicionários. Grande parte possui o minidicionário Aurélio como material de consulta, mas poucos utilizavam versões posteriores ao novo acordo ortográfico. Apenas 2 (dois) estudantes possuíam um tesouro em casa, obras herdadas de familiares. Quanto às obras de língua inglesa, o dicionário escolar português/inglês da Oxford foi o mais citado. O critério mais utilizado para a compra das obras lexicográficas foi o menor preço, seguido de obra mais popular.

No âmbito dos cursos de letras Português, Inglês e PBSL, apenas esse último possui disciplinas do léxico como obrigatórias no currículo. Essas disciplinas obrigatórias são *Lexicologia, Semântica e Pragmática Contrastivas* e *Lexicografia: estratégias de uso de dicionários*. Os cursos de Letras Português e Letras Inglês possuem a disciplina Lexicologia e

Lexicografia como optativa, no entanto a mesma não é ofertada com frequência em razão de falta de disponibilidade de professores para ministrá-la.

A entrevista abordava questões como: *O que é dicionário? Como e quando você utiliza o dicionário? Você utiliza em sala de aula com os alunos? Se utiliza, descreva como? Que tipo de atividade você faria para utilizar o dicionário em sala de aula?* O quadro subsequente apresenta amostra das respostas obtidas em 6 entrevistas das 29 realizadas para análise.

<i>PERFIL DO ENTREVISTADO</i>	LICENCIANDO DE LETRA-INGLÊS	LICENCIANDO DE LETRA-INGLÊS	LICENCIANDO DE LETRAS – PORTUGUÊS	LICENCIANDO DE LETRAS – PORTUGUÊS	LICENCIANDA LETRAS -PBSL	LICENCIANDA LETRAS -PBSL
<i>O que é dicionário?</i>	Material didático que contém o vocabulário de uma língua e sua descrição. É usado para auxiliar os alunos na aprendizagem de línguas	É um livro que contém o conjunto de palavras de uma língua e suas informações gramaticais.	É um tipo de livro que possui a carga semântica de determinados termos ou palavras	É um livro que reúne todas (ou quase todas) as palavras de uma língua, indicando seu significado, seus sinônimos e sua etimologia.	Dicionário é uma coleção organizada do léxico de uma língua (geralmente organizado por ordem alfabética), serve para encontrar vocábulos, termos, acepções de palavras, sinônimos, informações gramaticais e apêndices temático.	É um conjunto de vocábulos organizados em um livro que registra, define e ilustra o significado de uma palavra.
<i>Como e quando você utiliza o dicionário?</i>	Quando não conheço uma palavra e quero saber o significado	Quando não sei o significado de uma palavra e quando preciso saber como usá-la. Por exemplo: uso de preposições.	Utilizo sempre que não conheço o significado de alguma palavra.	Uso principalmente para escrever, buscando sinônimos e a etimologia das palavras.	Geralmente uso dicionário on-line, sobretudo para auxiliar na escrita de um texto, tirar dúvidas da escrita de uma palavra ou simplesmente para saber o significado.	Geralmente utilizo o dicionário para consultar a ortografia e se o sentido da palavra é apropriado em alguns contextos
<i>Você utiliza em sala de aula com os alunos? Se utiliza, descreva como?</i>	Não, normalmente os alunos pesquisam o conteúdo antes da aula e já vêm com o vocabulário da lição preparado.	Raramente uso, mas quando uso é somente para checar o significado de uma palavra.	Não.	Nunca usei em sala de aula, talvez porque leciono há pouco tempo.	Utilizo o dicionário frequentemente. Como a maioria dos meus alunos não costumam levar dicionários, olho nos textos as palavras que provavelmente terão dificuldade, busco o conceito e levo a os significados nos slides, com as referências das obras consultadas.	Sim. Não são muito frequentes, porém quando utilizado, uso para produzir um texto, para procurar sinônimos, se está no sentido figurado e também para ver a ortografia das palavras.
<i>Que tipo de atividade você faria para utilizar o dicionário em sala de aula?</i>	Entregaria uma lista de palavras desconhecidas e um dicionário para que eles buscassem o significado das palavras e depois pediria para eles produzirem um texto com essas palavras	Eu poderia trabalhar um texto com algumas palavras desconhecidas e eles teriam que deduzir o significado das palavras pelo contexto e depois checarem no dicionário se estavam corretos.	Escolheria algumas palavras e pediria para os alunos pesquisarem em mais de cinco dicionários diferentes.	Provavelmente atividades que evocassem a origem da palavra.	Gosto muito de trabalhar com textos, então usar as palavras desconhecidas e mostrar como podem ser usadas no cotidiano pode ser uma possibilidade.	Para trabalhar a ortografia com o uso dos acentos e palavras que muitas vezes são pronunciadas com um som e que na escrita é totalmente diferente, ligando o assunto à morfologia.

Quadro 1 - dados da entrevista.

As respostas referentes à primeira pergunta demonstram ainda reflexos do consenso geral sobre dicionários, apresentando algumas especificidades como “é uma coleção organizada do léxico de uma língua (geralmente organizado por ordem alfabética), serve para encontrar vocábulos, termos, acepções de palavras, sinônimos, informações gramaticais e apêndices temático”. Também chama atenção o registro de que o dicionário “reúne todas (ou quase todas) as palavras de uma língua”.

Quanto ao uso particular da obra, a maioria declarou consultar os dicionários para conhecer o significado ou a ortografia de palavras. Alguns mencionaram a consulta de informação gramatical e de sinônimos para auxiliar a escrita. Houve uma referência à consulta etimológica.

A terceira e a quarta pergunta visavam investigar o modo como esses futuros professores aplicavam os conhecimentos sobre dicionários em sala de aula. Entretanto, apesar de reconhecerem a utilidade desses materiais didáticos, o papel dos dicionários é de baixa frequência e, quando utilizado, é restrita a consulta de significado. As atividades mencionadas apresentaram semelhança quanto ao propósito e pouca inovação. Os alunos de PBSL, além de atividades que envolvessem significados de palavras, propuseram atividades que incluíam informações de transcrições fonéticas para questões de pronúncia, porém não demonstraram diversidade significativa.

A análise total dos dados (29 entrevistados) revelou que os estudantes de PBSL, mesmo tendo conteúdo teórico sobre as disciplinas do léxico e das obras lexicográficas, ainda são tímidos quanto à aplicação dos conhecimentos adquiridos em sala de aula. Uma hipótese para esse fato deve-se a pouca experiência de sala de aula, uma vez que durante o desenvolvimento das disciplinas do léxico esses licenciandos apresentam propostas didáticas com potencial para serem utilizadas no ensino de línguas.

Com base na análise desses dados, a próxima seção destacará algumas propriedades vocabulares e citará informações lexicográficas com vistas a indicar possibilidades de uso de dicionários como material didático em sala de aula.

3. Propriedade vocabular e as informações lexicográficas

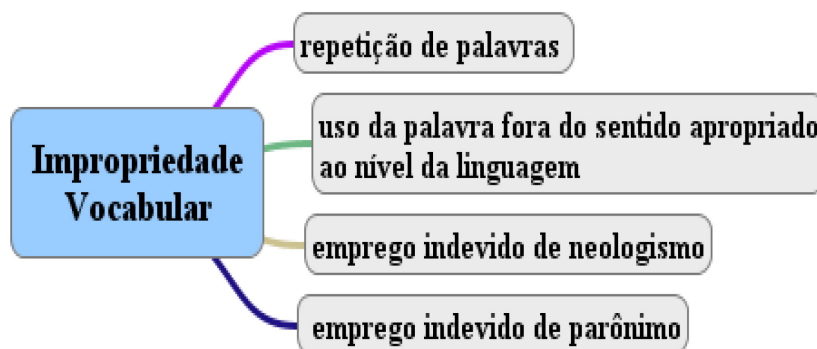
O conhecimento do léxico gera o emprego de construções linguísticas com propriedade vocabular, definida como conjunto de características para empregar a palavra de modo adequado ao contexto enunciado. Nesse sentido, para dominar uma língua, além de saber regras

gramaticais, é necessário conhecer o conjunto de palavras da língua, de modo que saiba selecionar as combinações sintático-lexicais possíveis de acordo com os aspectos cultural, social e situacional. Destarte, “é necessário conhecer o valor semântico que cada palavra possui” (FAULSTICH, 2010, p. 41). Assim sendo, “a escolha cuidadosa de palavras, para que os termos adquiram propriedade, torna a frase mais logicamente construída e, conseqüentemente, o texto compõe-se de maneira concatenada, objetiva e clara” (Id. Ibid., p. 56).

O dicionário, por ser um inventário lexical, oferece condições para que o consulente utilize as palavras nas modalidades falada e escrita da língua com propriedade vocabular. Para Chafe (1979, p. 107), “as unidades lexicais têm várias propriedades que as distinguem de unidades semânticas de outros tipos”. Cabe ao usuário da língua dominar essas propriedades, por meio de consulta a dicionário.

Identificam-se casos de impropriedade vocabular quando há repetição de palavras, uso da palavra fora do sentido apropriado ao nível da linguagem, emprego indevido de neologismo e de parônimo, entre outros. O esquema a seguir apresenta o resumo sobre as impropriedades vocabulares.

Figura 5-- impropriedade vocabular (MAIA-PIRES; VILARINHO, 2016).¹



Uma das razões da ocorrência de repetição de palavras é a “pobreza vocabular”, que pode ser solucionada por meio da consulta às relações semânticas no dicionário, como: os

¹ Mapa mental elaborado para fins desta pesquisa.

sinônimos, hiperônimos, holônimos, que servem como recursos de coesão lexical na modalidade de coesão por remissão, que consiste na reativação de referentes. Tal modalidade de coesão se refere a elemento já citado durante o processo de produção de um texto, de modo que a reativação de referente é feita sem repetição de palavras, por intermédio de uso de novo item lexical. A coesão lexical consiste no “procedimento da associação semântica entre palavras, pois atinge as relações semânticas que se criam entre as unidades do léxico”, segundo Antunes (2005, p. 125). Para esclarecer o conceito de inadequação de coesão lexical, apresentamos um exemplo, após consulta ao Corpus Brasileiro²:

- (1) O Instituto deu ciência ao aluno que seus estudos foram cancelados, em virtude da inautenticidade do certificado apresentado.

Podemos observar que o conectivo *em virtude de* possui traços de significação positivos, conforme pode ser identificada na acepção 1 do verbete **virtude** do Houaiss (2009), “qualidade do que se conforma com o considerado correto e desejável”. No contexto mencionado, é apresentada a consequência negativa: o Instituto ter informado o discente acerca do cancelamento de estudos. Esse resultado tem impactos negativos por serem causados devido à falta de veracidade do certificado que fora apresentado pelo aluno à instituição. Logo, o conectivo **em virtude de** introduziu consequência negativa, o que não é adequado, já que o conectivo é apropriado para ligar consequência com traços positivos, ou seja, com qualidades. Assim sendo, como a associação semântica entre os lexemas não se combinaram, não houve coesão lexical.

Em algumas produções textuais, identifica-se um outro modo de repetição de palavras: a redundância. Um vício da linguagem que pode ser eliminado quando se entende o significado das palavras. Por exemplo, imaginamos que, se o autor de um texto escreve “surpresa inesperada”, cometeu um caso de redundância, uso inadequado em textos, visto que há a definição “fato inesperado” na acepção 3 do verbete **surpresa**, em Houaiss (2009). Logo, algo que é **surpresa** equivale a fato inesperado, então a enunciação “surpresa inesperada” é repetitiva no conceito de fundo.

A impropriedade vocabular também é identificada em casos de uso da palavra fora do contexto ou gênero apropriado, no nível da linguagem, como no emprego de lexema informal,

² O Corpus Brasileiro pode ser acessado no programa Sketch Engine, disponível no site <https://www.sketchengine.co.uk/>.

de uso coloquial, em gêneros textuais acadêmicos. Nesse contexto, a escrita em linguagem formal é a mais indicada. Citamos como exemplo:

(2) Há falta de metodologia científica põe em xeque o resultado da pesquisa.

Em artigo científico, o uso do lexema **xeque**, “em sentido figurado, situação perigosa, arriscada ou difícil; risco, perigo, contratempo”, em Houaiss (2009), com sentido de **risco**. Tal uso causa impropriedade vocabular, tendo em vista que o lexema não está adequado ao gênero textual, pois não se deve empregar lexema de sentido informal em contexto formal, como no caso de gêneros acadêmicos. Faz-se a ressalva de que, se a construção vier entre aspas, no âmbito gramatical, está adequada. No entanto, no âmbito lexical, poderia ser substituída por **risco**, o que seria mais adequado ao gênero.

Cabe comentarmos ainda que o emprego de neologismos em produção textual acadêmica pode ser resultado da falta de propriedade vocabular. O neologismo “constitui, assim, uma unidade lexical de criação recente, uma acepção nova atribuída a um elemento existente, ou então uma unidade recebida de um outro código” (ALVES, 2002, p. 207). Assim, o emprego de neologismos em textos que exigem a linguagem formal pode dificultar a compreensão do significado, sendo necessário uma nota para explicá-lo, caso seu uso seja extremamente relevante para o texto em construção.

Os parônimos por serem diferentes, com pronúncia e grafia parecidas, podem confundir o escritor, como no caso de *infligir* (impor pena, castigo) e *infringir* (desobedecer, desrespeitar, violar regras). Serve de ilustração o enunciado:

(3) O juiz infringiu a pena.

Quando se quer dizer: O juiz **infligiu** a pena. A paronímia pode ser resolvida com a consulta a dicionário.

As informações apresentadas sobre impropriedade vocabular servem para ilustrar a relevância do uso do dicionário em prol da escrita, uma vez que ajustes no texto podem ser feitos por meio de consultas às obras lexicográficas. Assim, o professor deve orientar seus estudantes a utilizarem de vários recursos disponíveis, como os dicionários, para aprimorar suas habilidades de produção textual. Nesse contexto, será apresentado um exemplo de estratégias de uso de dicionário em sala de aula para auxiliar a produção de textual. A atividade envolve o

texto produzido por estudante do curso de Gestão Ambiental da UnB, na disciplina Português Instrumental 1, antes da aula sobre as funcionalidades do dicionário.

Um dos aspectos mais **importantes** da pesquisa é, sem dúvida, a implantação da contabilidade no meio empresarial onde teremos as devidas informações do balanço econômico ou demanda, tanto dos aspectos sociais para com a empresa quanto dos investimentos e, ou exploração ecológica para com a sociedade e meio ambiente.

Observa-se também o desenvolvimento histórico da contabilidade ambiental e a degradação do meio ambiente tomando proporções preocupantes a partir da revolução industrial e veio desse processo a **importância** da educação ambiental e a necessidade de um estímulo para a conservação do meio ambiente. Há com isso, a percepção da **importância** da contabilidade ambiental pois ela é a responsável pela boa utilização dos recursos onde muitas vezes estão escassos ou indisponíveis. Como a redução de custos é detalhada e a maneira como devem proceder, é dada então a clareza necessária das reais possibilidades de obter sucesso ao investir de maneira sustentável.

Essa obra é de suma **importância** aos futuros investidores que têm em vista aplicar os seus recursos nas empresas que exploram o meio ambiente, pois a partir da mesma é possível ter uma visão de como a contabilidade ambiental vem auxiliando de forma positiva no processo de decisões, fornecendo o conhecimento necessário para quem busca entender o processo da economia ecológica e suas reais maneiras de aplicação.

Segundo Faulstich (2010, p. 38), “empregar sempre e em qualquer contexto as mesmas palavras é pobreza vocabular, prejuízo para a comunicação”. Essa pobreza vocabular ocorreu devido à repetição de palavras. Após a aula na qual foram apresentadas as características do dicionário e os recursos linguísticos que disponibiliza, o estudante pôde reescrever o texto para substituir repetição dos lexemas “importante”, importância”. Para isso, foi consultado o verbete “importante” do Dicionário Houaiss Eletrônico (2009).

Figura 6 -- Verbete “importante” do Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa
Fonte (HOUAISS, 2009).

The image shows a screenshot of the Houaiss Online Dictionary entry for the word "importante". The entry is titled "importante" with a date of "c1543". It is categorized under "Acepções" (Acceptations). The entry is divided into two main sections: "adjetivo de dois gêneros" (adjective of two genders) and "substantivo masculino" (masculine noun). The adjective section lists six numbered meanings with examples and regionalisms. The noun section lists one meaning with an example. At the bottom, there are tabs for "Sinônimos/Variantes", "Antônimos", and "Etimologia", and a note "ver sinonímia de *vultoso*".

importante Datação: c1543

Acepções

■ **adjetivo de dois gêneros**

1 que tem mérito; digno de elogio; elogiável, meritório
Ex.: *seu esforço foi uma contribuição i.*

2 digno de consideração, de apreço, por ter autoridade, influência, prestígio
Ex.: *constrange-se em presença de gente i.*

3 Regionalismo: Brasil. Uso: ironia.
diz-se de quem tem comportamento arrogante e fâtu, por presumir-se superior
Ex.: *está tão i. que nem olha mais para os amigos*

4 Regionalismo: Brasil.
que tem caráter essencial e determinante; necessário, básico, fundamental
Ex.: *a higiene é i.*

5 Regionalismo: Brasil.
que é digno de atenção, que prende o espírito; curioso, interessante
Ex.: *um detalhe i.*

■ **substantivo masculino**

6 aquilo que é essencial, que tem maior importância
Ex.: *o i. é manter a calma*

Sinônimos/Variantes | Antônimos | Etimologia |
ver sinonímia de *vultoso*

Fonte: Houaiss (2009).

A seguir, há o texto reescrito:

Um dos aspectos mais importantes da pesquisa é a implantação da contabilidade no meio empresarial em que teremos as devidas informações do balanço econômico ou demanda, tanto dos aspectos sociais para com a empresa quanto dos seus investimentos e, ou exploração ecológica para com a sociedade e meio ambiente.

Observa-se também a preocupação dos autores em demonstrar que o desenvolvimento histórico da contabilidade ambiental e a degradação do meio ambiente tomou proporções preocupantes a partir da Revolução Industrial. Devido aos danos desse processo, a conscientização ambiental surge como necessidade para conservação do meio ambiente, sendo a Contabilidade Ambiental a responsável pela boa utilização dos recursos naturais escassos ou indisponíveis. Como a redução de custos é detalhada e a maneira como devem proceder, é dada então a clareza necessária das reais possibilidades de obter sucesso ao investir de maneira sustentável.

Essa obra é **relevante** aos futuros investidores que almejam aplicar os seus recursos nas empresas que exploram o meio ambiente, pois a partir dela é possível ter uma visão de como a contabilidade ambiental vem contribuindo de forma positiva no processo de decisões, fornecendo o conhecimento necessário para quem busca entender o processo da economia ecológica e suas reais maneiras de execução.

Percebe-se um avanço na construção textual tanto quanto a propriedade vocabular, o que apresentou redação mais precisa e menos cansativa, pois o conhecimento sobre o item lexical **importância** conduziu o estudante a novas reflexões sobre a língua, como aspectos sintáticos e semânticos, e sobre sua intenção comunicativa. Essa ilustração demonstra apenas alguns aspectos de como a apresentação das informações lexicográficas e da funcionalidade do dicionário podem orientar professores e estudantes no processo de ensino e aprendizagem. Prática que deve ser incentivada e executada em sala de aula. Por isso, a seguir, apresentaremos mais algumas informações sobre as obras lexicográficas.

4. O dicionário como material didático em prol do saber lexical

A estrutura de um dicionário normalmente está dividida em partes: introdução, corpo do dicionário e anexos. Essas partes são denominadas de **macroestrutura**, conforme demonstra Haensch (1997, p. 39):

La macroestructura es la ordenación del conjunto de los materiales que forman el *cuero* de um diccionario (por ej. orden alfabético u orden sistemático), conjuntamente con el *prólogo* o *prefacio*, a veces una *introducción fonética y gramatical*, *las instrucciones para el usuario* y los posibles anexos (glossários nombres geográficos, listas de abreviaturas y siglas, glosarios de nombres de pila, etc.)³

Cada uma dessas partes é elaborada para fornecer informações que conduzam o consulente a utilizar o conteúdo lexicográfico de acordo com o interesse dele. Entretanto, na composição de um dicionário, a **microestrutura** é a parte mais consultada, porque contém o conjunto de informações específicas de cada palavra. Para Haensch (1997, p. 41) a microestrutura de um dicionário *es la ordenación de todos los elementos que componen un artículo*⁴ lexicográfico, também denominado verbete. Faulstich (2011, p. 183) esclarece que “o verbete constitui a microestrutura do dicionário, além de ser a parte, efetivamente, lexicográfica da obra”.

³ A macroestrutura é a ordenação do conjunto dos elementos que compõe o corpo de um dicionário (por exemplo a ordem alfabética ou a ordem sistemática), em conjunto com o prólogo ou prefácio, às vezes apresenta uma introdução fonética e gramatical, as instruções de uso e os anexos (glossários de nomes geográficos, lista de abreviaturas e siglas, glossários de apelidos etc.)

⁴ É a ordenação de todos os elementos que compõem um artigo (lexicográfico).

De acordo com Faulstich (2010, p. 172), o dicionário:

é livro que dispõe as palavras de uma língua em verbetes, preferencialmente, em ordem alfabética com o significado disposto em acepções e pode apresentar equivalentes em outras línguas. [...] Fornece, além das definições, informações sobre a gramática da língua descrita, bem como sinônimos, antônimos, grafia, pronúncia, etimologia, ou, pelo menos, alguns desses recursos linguísticos.

Assim sendo, a riqueza contida nas obras lexicográficas não pode ser desprezada no ensino de línguas. Faz-se necessário apresentar o uso adequado das informações lexicográficas aos estudantes para conduzi-los à produção de textos de qualidade com adequação vocabular, gramatical e conceitual. Para isso, deve-se motivar o saber lexical durante o processo de ensino e aprendizagem para que o estudante obtenha informações sobre as palavras, como declara Laufer (1997, p. 141):

1. saber sua **forma oral e escrita**, pois é preciso saber como se pronuncia e como se escreve;
2. saber sua **estrutura de base**, suas **derivações** mais comuns e a suas **flexões**;
3. saber as suas **propriedades sintáticas** e o seu comportamento numa frase ou num enunciado;
4. saber as suas **propriedades semânticas**, o seu significado referencial, suas extensões metafóricas, seus valores afetivos, e a sua adequação pragmática;
5. saber as suas **relações paradigmáticas** com outras palavras, nomeadamente, com eventuais sinônimos, antônimos e hipônimos; e
6. saber as suas **relações sintagmáticas**, ou seja, as suas mais frequentes combinatórias. (grifo nosso)

Esses saberes são relevados nos verbetes de dicionários que apresentam ortografia, pronúncia do item lexical; separação silábica; categoria gramatical; gênero; origem; significados; relações entre palavras (parônimos, homógrafos, homófonas, homônimos, hiperônimos, sinônimos e antônimos); regência gramatical; conjugações verbais; estrutura morfológica; contextos; relações sintagmáticas; informações enciclopédicas; ilustrações; variações linguísticas.

A ortografia pode ser consultada no registro da palavra-entrada. As informações sobre a pronúncia podem ser disponibilizadas mediante a transcrição fonética que registra o conjunto de sons e das combinações possíveis no português, o que permitirá a compreensão e a produção da fala. A transcrição fonética geralmente é descrita entre colchetes e é feita com base no Alfabeto Fonético Internacional, AFI (sigla em português), *International Phonetic Alphabet*, IPA (sigla em inglês). Outra possibilidade de oferecer informações fonéticas é mediante o

registro sobre o som de um fonema. Um exemplo disso é o fonema que registra o som do trema na lista de palavra-entrada e na seção “ortoépia” do verbete “consequência” do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2009).

Figura 7 -- Verbetes “consequência” do DHELP.

The screenshot shows the DHELP dictionary interface. On the left, there is a search bar with the word 'consequência' entered. Below the search bar is a list of words starting with 'C', including 'consequência', 'consequência \qu', 'conselheirista', 'conselheiro', 'conselheiro-penense', 'conselho \ê\ ', 'consenciente', 'consensual', 'consenso', 'consensual', 'consensualidade', 'consensualismo', 'consentâneo', 'consentimento', 'consentir', and 'consequência \qu\ '. The main area displays the entry for 'consequência' with the date 'Datação: sXV' and orthography 'Ortoépia: qu'. Below this, there are two tabs: 'Acepções' and 'Locuções'. The 'Acepções' tab is active, showing three numbered meanings:

- substantivo feminino
- 1 algo produzido por uma causa ou freq. sequente a um conjunto de condições; efeito, resultado
Exs.: *a gripe foi c. de ter apanhado chuva*
a atual situação é c. de uma série de erros da política anterior
- 1.1 efeito negativo sobre a saúde ou a integridade física; dano, ferimento, sequela
Ex.: *eles se feriram, mas sem c. graves*
- 2 conclusão que deriva de um raciocínio lógico; inferência, ilação, dedução
Ex.: *a c. de uma proposição lógica*
- 3 efeito de grandes proporções; influência, transcendência, importância
Ex.: *uma questão de grande c.*

Fonte: Houaiss (2009).

As variações linguísticas podem ser localizadas em verbetes mediante as acepções que possuem as marcas de uso, visto que essas marcas “caracterizam as palavras que fogem, sob certos aspectos, ao uso corriqueiro, normal, da língua de uma comunidade linguística; são instrumentos do lexicógrafo para indicar as variações” (STREHLER, 1998, p. 179). No verbete “importante”, há 3 marcas de uso de regionalismos do Brasil nas acepções 3, 4 e 5.

A separação silábica indica a constituição da sílaba da palavra na língua portuguesa, fornece as combinações dos grupos de fonemas da língua portuguesa; “auxilia o aprendiz na percepção da posição do acento tônico e das regras de acentuação das palavras”, segundo Maia-Pires (2015, p. 159). O recurso da divisão silábica “serve para demonstrar que aquele grupo de força deve ser enunciado de uma só vez, ou para indicar, na translineação, que parte de uma palavra pode ficar separada da outra” (FAULSTICH, 2011, p. 194).

Ademais, alguns dicionários informatizados têm o recurso para reproduzir o áudio com a pronúncia. Como há variantes regionais de pronúncia, geralmente escolhe-se uma das variantes para gravar os sons ou oferece-se mais uma pronúncia para contemplar essas variantes. O Dicionário de Aprendizagem de Verbos do Português do Brasil como Segunda Língua – Dicverb/PL2 – de Maia-Pires (2015) apresenta áudio que pode ser reproduzido por meio de clique no ícone subsequente:

Figura 8 -- Ícone para reprodução de pronúncia do Dicverb/PL2.



Fonte: Maia-Pires (2015, p. 160).

As informações gramaticais como categoria gramatical, gênero, transitividade verbal podem ser consultadas nos verbetes. A transitividade verbal possibilita que o consulente ajuste a regência verbal na produção de enunciados. Além disso, os dicionários eletrônicos DHELP (2009) e Novo Dicionário Aurélio (NDA – 2010) oferecem a conjugação verbal que “expressa tempo, modo, número e pessoa do discurso”, conforme Maia-Pires (2015, p. 160).

A etimologia “busca o significado de uma palavra na origem, [...] procura demonstrar o étimo de uma palavra, quer dizer, a forma primeira que está na base da ‘criação da palavra” (FAULSTICH, 2011, p. 190 e 193). No verbete “importante”, ao clicar no ícone “etimologia”, há registro da informação *lat. importans,antis, part.pres. de importáre 'importar'*. Isso significa que a palavra veio do latim.

Os significados são descritos nas acepções que são constituídas pelas definições, composta por texto, as quais “consistem principalmente em uma elaboração de dados de uma percepção a base de experiência, de memória compartilhada e de interesses específicos de conhecimento, guiados por reflexão e análise, e não seria uma simples manifestação de uma espécie de automatismo cognitivo do ser humano”, com base em Lara (1996, p. 205).

As relações entre as palavras são encontradas no texto das definições quando começam por hipônimo, se o lexema pertence a alguma categoria; ou quando a definição é por sinonímia. Tais relações podem ser empregadas para criar coesão por remissão. Além disso, as remissões apresentam relações semânticas para complementação da significação, já que indicam caminhos a serem percorridos pelo consulente.

Pode haver também informação morfológica sobre “flexão, composição, derivação (identificação do radical e dos afixos)” (CASTILHO; ELIAS, 2012, p. 21). Um exemplo de descrição morfológica pode ser visualizado no verbete **-izar** do Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009):

terminação

de v. da 1ª conj., com caráter frequentativo (agonizar, arborizar, fiscalizar etc.) ou causativo (civilizar, humanizar, realizar, suavizar etc.); os muitos v. da língua com essa term. são regulares; quando essa term. é precedida de vogal (ajuizar, arcaizar, desajuizar, desenraizar, desjuizar, desraizar, emboizar, enraizar, europeizar,

hebraizar, judaizar, plebeizar), o *i* se faz graficamente acentuado nas f. rizotônicas (-aízo, -eízo, -uízo, -aíze, -eíze, -uíze etc.)

Nesse verbete, é farta a informação sobre a formação de palavras com o sufixo -izar.

Os contextos de uso servem para exemplificar o uso do lexema. Esse contexto pode ser feito de duas formas: i) abonação, que é exemplificação extraída de *corpus*; ou ii) exemplo, que é criado pelo lexicógrafo. O contexto tem 3 funções básicas: “a) especificar e/ ou explicar o conteúdo de natureza enciclopédica ausente das definições; b) contextualizar o uso vocabular; c) facilitar a compreensão do significado”, segundo Corrêa (2012, p. 364). Além disso, revela as relações sintagmáticas de combinações sintático-semânticas que podem ser feitas. Por exemplo, mediante a leitura do contexto, o consultante pode identificar que o verbo que se combina com o substantivo “sorvete” é o verbo “tomar” e não o verbo “comer”.

As informações enciclopédicas são relevadas nas notas que podem apresentar conhecimentos extralinguísticos que podem auxiliar na compreensão do significado do lexema.

As ilustrações, por sua vez, “representadas por figuras, são um complemento para a compreensão da definição de substantivos concretos, de acordo com Faulstich (2011, p. 188). Em dicionários infantis, é comum, as editoras atrelarem as ilustrações a personagens de desenhos animados para chamar a atenção do público-alvo. Um exemplo desse tipo de obra é o *Caldas Aulete Dicionário Escolar Da Língua Portuguesa Ilustrado Com A Turma Do Sítio Do Pica-Pau Amarelo*, organizado por Gieger (2011).

5. Considerações Finais

Em suma, há vários recursos lexicográficos ainda desconhecidos por parte de professores e de estudantes, por isso é necessária ampla divulgação do potencial dos dicionários no processo de ensino e de aprendizagem. Além disso, precisa-se de elaboração de atividades que abordem estratégias de uso de dicionários em sala de aula para que o conhecimento sobre as obras lexicográficas não fique retido somente no âmbito acadêmico, contribuindo assim para o desenvolvimento das habilidades linguísticas dos falantes. Desse modo, verifica-se que há a necessidade que inclusão das disciplinas de léxico nos cursos de Letras.

Referências bibliográficas

ALVES, I. M. Os conceitos de neologia e neologismo segundo as obras lexicográficas, gramaticais e filosóficas da língua portuguesa. In: NUNES, J. H.; PETTER, M. (orgs.). **História**

do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro. São Paulo: Humanitas, FFLCH-USP e Pontes, 2002.

ANTUNES, I. **Lutar com as palavras: coesão e coerência.** São Paulo: Parábola, 2005.

BORBA, F. da S. **Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia.** São Paulo: UNESP, 2003.

BRASIL, MEC/SEF. **Parâmetros curriculares nacionais.** Brasília: SEF/MEC, 1997.

_____. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Básica **Com direito à palavra: dicionários em sala de aula** [elaboração Egon Rangel]. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2012.

CASTILHO, A. de; ELIAS, V. M. **Pequena gramática do português brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2012.

CARVALHO, O. L. de S. Dicionários escolares: definição oracional e texto lexicográfico. In.: _____.; BAGNO, M. (orgs.) **Dicionários escolares: políticas, formas & usos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CHAFE, W. **Significado e estrutura linguística.** Tradução de Maria Helena de Moura Neves, Odete Gertrudes Luiza Altamann de Souza Campos, Sonia Veasey Rodrigues. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.

CORREIA, L. Dicionário eletrônico onomasiológico semasiológico do português brasileiro/espanhol rioplatense para o Mercosul. In: ISQUERDO, A. N.; SEABRA, M. C. T. C. de. (orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia.** Campo Grande: UFMS, 2012.

FAULSTICH, E. **Avaliação de dicionários: uma proposta metodológica.** Organon (UFRGS), v. 25, p. 181-220, 2011.

_____. **Como ler, entender e redigir um texto.** 22 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. Para gostar de ler um dicionário. In: RAMOS, C. de M. de A; BEZERRA, J. de R. M.; ROCHA, M. de F. S.. (orgs.). **Pelos caminhos da Dialetolegia e da Sociolinguística: entrelaçando saberes e vidas.** 1. ed. São Luís: UFMA, v. 1, p. 166-185, 2010.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário Aurélio.** 7. ed. Versão 7.0. Dicionário eletrônico. Curitiba: Positivo. 1 CD-ROM, 2010.

GEIGER, P (org.). **Caldas Aulete: Dicionário escolar da língua portuguesa; ilustrado com a turma do Sítio do Pica-Pau Amarelo.** 3 ed. São Paulo: Globo, 2011.

GOMES, P. V. N. Aquisição lexical e uso do dicionário escolar. In. CARVALHO, O. L. de S. e BAGNO, M. (orgs.) **Dicionários escolares: políticas, formas & usos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

_____. **O processo de aquisição lexical na infância e a metalexigrafia do dicionário escolar** (tese de doutorado). Tese (doutorado) - Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Brasília, 2007.

HAENSCH, G. Aspectos prácticos de la elaboración de diccionarios. In: _____.; WOLF; L.; ETTINGER, S.; WERNER, R. **La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica**. Madrid: Gredos, p. 395-534, 1982.

_____. **Los diccionarios del español en el umbral del siglo XXI**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1997.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Versão 3.0. São Paulo: Objetiva, 2009.

KRIEGER, M.; RANGEL, E. Questões políticas. In: XATARA C.; BEVILACQUA R.; HUMBLÉ, P. R. M. (orgs.). **Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos**. São Paulo: Parábola, 2011.

LARA, I. A. **Aspectos de lexicografía teórica**. Granada: Gredos, 1989.

LAUFER, B. What is in a word that makes it hard or easy: some intralexical factors that affect the learning of word. SCHIMITT, N.; MACHATHY, M. **Vocabulary, description, acquisition and pedagogy**. Inglaterra: Cambridge, 1997.

MAIA-PIRES, F. de O. **Proposta de dicionário de aprendizagem: descrição de alguns verbos no contexto do Português do Brasil como Segunda Língua**. 2015. 206 p. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Brasília, 2015.

_____.; VILARINHO, M. M de O. O estudo do léxico no Curso de Letras EaD da UnB. In: VIEIRA, J. A; SILVA, F. C da. (Orgs). **O que a distância revela: reflexões de professores e estudantes do curso de Letras – EaD/UnB**. Brasília: Movimento, 2014.

OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. Campo Grande, MS: UFMS, 1998; 2.ed. 2001.

RANGEL, E. de O. Dicionários escolares e políticas públicas em educação: a relevância da “proposta decicográfica”. In.: CARVALHO, O. L. de S; BAGNO, M. (Orgs.) **Dicionários escolares: políticas, formas & usos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

STREHLER, R. G. As marcas de uso nos dicionários. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: UFMS, 1998, p. 171-180.

VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VILARINHO, M. M. de O. **Proposta de dicionário informatizado analógico de língua portuguesa.** Tese (doutorado) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2013. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/15142/1/2013_MichelleMachadoOliveiraVilarinho.pdf>. Acessado em: 20 de jun. 2014.

Artigo recebido em: 06.05.2016

Artigo aprovado em: 18.06.2016